



**Desafios do filosofar:
a prática da docência no ensino médio**

Por AMAURI CARLOS FERREIRA
DANILO ARNALDO BRISKIEVICZ
SORAIA APARECIDA BELTON FERREIRA

mitolog@pucminas.br
doserro@hotmail.com
soraiabelton@gmail.com

1. Filosofia e ensino de filosofia no ensino médio

Este artigo apresenta parte dos resultados de uma pesquisa com docentes de filosofia no Ensino Médio, cujo pressuposto é de que esta escuta do professor em sua prática pedagógica poderá trazer pistas para a (trans)formação desses dados em novos pressupostos.

A filosofia no ensino médio tem se constituído como um desafio constante. A inserção da disciplina no espaço escolar assume, conseqüentemente, um patamar de permanente questionamento. Refletir sobre esse tema, quase sempre nos leva a questões que hodiernamente circundam a docência da filosofia. Entre essas questões podemos citar como mais comuns as perguntas sobre a filosofia, sua especificidade – O que é Filosofia? e também aquelas que tratam da sua ensinabilidade – Como ensinar filosofia?.

Com relação à discussão acerca do papel da disciplina no Ensino Médio e o que se deve ensinar nas aulas de Filosofia, a escolha do conteúdo lecionado se inscreve numa prática que oscila entre temas de Filosofia e História da Filosofia, de tal maneira que o que se tem constatado é que os professores vão compondo um modo singular de ensinar filosofia, de acordo com a realidade encontrada na escola.

Essa questão vincula-se, pois, à seguinte afirmação de Cerletti (2008, p. 37)

[...] cada planejamento estará construído sobre as bases das inquietações filosóficas do professor e de seus alunos, o que supõe também que, se for necessário, cada planejamento poderá ir sendo modificado parcial ou mesmo totalmente em função de seu objetivo fundamental: filosofar.





Ensinar a pensar é um dos objetivos da filosofia imbricado em uma atividade na qual exige uma forma rigorosa de aprender interpretar o mundo. Heidegger (1987) alerta-nos que ensinar é uma tarefa mais difícil que aprender. Então, se a filosofia e sua ensinabilidade se colocam sob investigação, os questionamentos – É possível filosofar ou ensinar filosofia no ensino médio? O que se ensina nesta disciplina? – vão para além do movimento pendular acerca da possibilidade ou não de se ensinar/aprender filosofia.

Muitas abordagens (re)colocam a questão do ensinar e do aprender filosofia sob diversos aspectos e constituem-se então como contrapontos que contribuem para a discussão, na medida em que fomentam a reflexão filosófica sobre a própria filosofia. Esse debate torna-se ainda mais abrangente ao observarmos que no campo da ensinabilidade filosófica as concepções, embora diferentes, não se excluem, ao contrário, permanecem como interfaces, elementos que acrescentam possibilidades diversas de abordagem e compreensão do tema.

O ensinar e o aprender, portanto, se colocam no centro da discussão e as investigações em torno deles propiciam uma melhor compreensão da relação paradigmática entre a filosofia e o seu ensino. A construtividade do conhecer, do ensinar e do aprender torna-se elemento importante para a problematização em torno desse tema.

Sobre essa questão, diz Carrilho (1987, p. 44),

O ensino escolar habitua os alunos a aprender, a adquirir conteúdos estáveis de conhecimentos. Se o ensino da filosofia se conformasse a esta característica geral, não haveria qualquer problema particular. Mas tal não acontece: os problemas que surgem com o ensino da filosofia decorrem fundamentalmente daquilo que se pretende ensinar, isto é, da própria natureza da filosofia, do facto de ela não poder oferecer aqueles conteúdos e, portanto, ser aprendida *strictu sensu*, mas apenas poder propor, exercitar, a aprendizagem do filosofar.

O ensino de filosofia é visto, pois, como possibilidade. Deste modo, entendendo que ela é, nas palavras de Gallo (2004), ensinável acabamos por buscar a necessária superação da famosa dicotomia entre aprender filosofia (produto) ou aprender a filosofar (processo).

Numa postura dialógica, acima de tudo, neste mo(vi)mento é imprescindível o filosofar em torno da própria filosofia e seu ensino. Sendo assim, levando em consideração o âmbito



da incompletude – marca da própria filosofia –, reforça-se a importância do interrogar constante.

Deste modo, sendo a filosofia um convite ao contínuo questionamento, exige-se uma constante (pre)disposição ao pensar. Um pensar imbuído do desejo de conhecer cada vez mais e sempre, o que se espera aqui é que a abordagem apresentada seja capaz de acrescentar elementos para o (re)pensar ininterrupto, permanente, da filosofia em sua relação consigo mesma e com o ensinar.

2. Metodologia e sujeitos da pesquisa

A pesquisa realizada é de natureza qualitativa, desenvolvida em um período de 12 meses contemplando depoimentos de professores de filosofia em escolas particulares e públicas da cidade Belo Horizonte e sua região metropolitana. Os sujeitos da pesquisa – cinco do sexo feminino e cinco do sexo masculino – têm entre cinco e vinte anos de docência. Os sujeitos escolhidos são licenciados em filosofia com especialização na área de ciências humanas.

O caminho escolhido para o desenvolvimento desta pesquisa foi a obtenção dos dados a partir de depoimentos sobre a prática docente em filosofia, através dos quais os sujeitos da pesquisa apresentaram sua percepção acerca da Filosofia e seu Ensino, bem como da relação estabelecida com os estudantes e colegas de profissão.

3. Resultados da pesquisa

Como um dos objetivos da filosofia é pensar autonomamente, tendo como método o rigor no exercício do filosofar, procurou-se através dos depoimentos de professores de filosofia, investigar como ocorre esta proposta no ensino médio. A preocupação/problematização diz respeito ao modo como se dá o processo de ensino /aprendizagem nesta área do saber, e suas perspectivas de ensinabilidade que também está circunscrita à formação de licenciados em filosofia que atuam na educação básica.

Ao apontar e analisar os dados da pesquisa vale destacar o fato de que todos os sujeitos escolhidos são licenciados em filosofia. Essa escolha foi feita tendo em vista que a formação do profissional e sua preparação acadêmica apontam, de forma crítica, alguns dos problemas



reais do ensino de filosofia. Além disso, a formação específica contribui para o pensar filosófico, constituído a partir de problemas/problematizações.

Além da especificidade da formação acadêmica do professor, o intervalo de tempo em sala de aula, estabelecido de 5 a 20 anos de docência, foi escolhido no intuito de perceber, a partir dos programas de ensino, o modo de ensinar, a escolha pela área de atuação e os problemas e desafios encontrados pelos professores no seu cotidiano profissional.

As entrevistas, realizadas no período de Fevereiro de 2015 a fevereiro de 2016, propiciaram a abordagem da prática do ensino de filosofia no Ensino Médio tendo em vista, em especial, os seguintes aspectos: a escolha dos conteúdos ensinados e os programas de ensino, o material didático utilizado como apoio às aulas e a relação dos docentes com alunos, professores de outras áreas de conhecimento e setor administrativo.

No que se refere aos programas de ensino e os livros didáticos adotados os depoimentos dos participantes demonstram a tendência para a permanência de programas e certos temas filosóficos dentro da história da filosofia ou mesmo a escolha por temas de filosofia e outros que são considerados aleatórios. Os temas filosóficos são aqueles considerados clássicos, tais como: mito, ética, política, liberdade, linguagem, religião e sexualidade, entre outros. Os aleatórios, por sua vez, geralmente estão relacionados a projetos interdisciplinares e tratam das discussões relativas ao cotidiano envolvendo as questões acerca do aborto, drogas, diversidade, violência, educação, mídia e comunicação, entre outros.

Não há um consenso na resposta à pergunta: O que ensinar?, Deste modo, as escolhas, em alguns momentos, inscrevem-se no universo da história da filosofia e, tal opção acaba por se fixar em uma cobrança por conteúdos. Mas, conforme os dados pesquisados, na maioria das vezes, a escolha dos professores tem sido pelo conteúdo programático que mescla temas e história da filosofia.

No que se refere aos temas com os quais os estudantes se identificam, de acordo com a experiência dos docentes, se destaca a recorrência dos temas: ética, política, mito, sexualidade. Para eles, o que é fundamental é a aprendizagem para a dúvida e o exercício para uma visão crítica da realidade.





A perspectiva dialógica da filosofia faz com que a disciplina seja, portanto, um patamar de reflexão e não apenas mais um conteúdo que compõe a grade curricular do Ensino Médio. Nas interlocuções existentes/produzidas há que se (re)afirmar o olhar crítico da filosofia acerca de si mesma. Nas palavras de Kohan (2002, p. 22):

Dentro e fora das escolas, importa, fundamentalmente, compreender o que ela [a filosofia] faz nesses espaços, o tipo de filosofia que se pratica (e ensina), sua relação com outras áreas do saber, com a instituição escolar e as outras instituições da vida econômica, social e política do país. Convém, especificamente, considerar a relação que professores e alunos envolvidos com a filosofia estabelecem entre si e com ela. Importa, antes de mais nada, o tipo de pensamento que se afirma e se promove sob o nome de filosofia.

O consolidado obtido junto aos depoentes quanto à estruturação dos conteúdos presentes nos programas de filosofia, corroboram as pesquisas já realizadas sobre este assunto¹ e, também, podem ser representadas em quatro linhas:

- 1) Por temas: nesse caso, predominam temáticas como conhecimento, verdade, valores, cultura, ideologia, alienação, sexualidade, condição humana, finitude, liberdade, poder, política, justiça, arte, meios de comunicação.
- 2) Por domínios ou campos filosóficos: aqui aparecem prioritariamente os campos já citados anteriormente, como cultura geral, filosofia antiga, ética, história da filosofia, teoria do conhecimento e política.
- 3) Por problemas: nesse caso, os conteúdos são articulados em torno de problemas filosóficos, entre os quais o problema do ser, do conhecer, do agir, da ciência etc.
- 4) Por critérios cronológicos: aqui o referencial passa a ser a história, sendo que predominam as filosofias antiga e moderna. (FÁVERO et al., (2004, p. 271).

A *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional* (Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996), ao espelhar a Constituição Federal, acrescenta no Artigo 35, parágrafo III, que o Ensino Médio por ser constitutivo da Educação Básica deve auxiliar no “aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico” (BRASIL, 1999, p. 46).

¹ Essas linhas – quatro grandes modelos da docência em filosofia, no que diz respeito ao Tópico “O que ensinar?” – foram apresentadas em uma pesquisa desenvolvida no Brasil em 2003, por solicitação da UNESCO, visando a mapear as condições do ensino de filosofia no país em seus diversos níveis, com especial ênfase na educação do ensino médio.



A norma constitucional, desta forma, estabeleceu que a formação para o exercício da cidadania é um dos pressupostos do real direito à educação. Conforme Brasil (2006, p. 148), a educação deve se basear no princípio da “liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber”, explicitando um modelo humanista de educação voltado para formação integral do cidadão.

Ainda que estabelecido por lei, percebe-se, que há inquietações frequentes com relação à controversa presença da filosofia no espaço escolar. Os sujeitos da pesquisa assinalam, em seus depoimentos, a diferença desta prática pedagógica e os diversos elementos presentes na relação que os mesmos têm junto aos estudantes, aos outros colegas de profissão e principalmente aos profissionais que administram a escola.

Conforme os depoentes, inicialmente, esta postura crítica torna-se complexa, tendo em vista que, no modo como a escola está organizada, a exigência é por conteúdos semelhantes à prática de outras disciplinas, o que implica saberes pedagógicos que, em muitos casos, repetem a postura vertical da escola e do processo de escolarização.

Quando isto ocorre, as escolas, com seu projeto pedagógico, querem, por um lado engessar o método singular da filosofia, ou, por outro, esperam que a mesma esteja a serviço do conteúdo relacionado aos direitos humanos e à cidadania. Para os professores entrevistados esta visão dicotômica conduz a um campo de tensão, que em vários momentos se mostra de difícil solução.

Considerando os aspectos formais da filosofia na escola, o que os professores apontam como sendo um dos problemas, relacionados à sua prática profissional, tem sido o número reduzido das aulas de filosofia e o caráter pragmático da escola em considerar resultados e não processos. Tal concepção, por vezes demarcada no âmbito positivista, inviabiliza o caráter processual da filosofia em considerar o tempo de longa duração no ato de filosofar. A dificuldade em lidar neste universo disciplinar está no fato de que a filosofia requer tempo e o tempo da escola é prescritivo, pragmático, mensurado.

Um diferencial apontado pelos professores em relação à docência da disciplina está circunscrito ao tipo de aula que, sendo dialogada, exige leitura rigorosa de vários autores e





textos. Um depoente, com mais de cinco anos de docência, afirma que o ensino de filosofia ao mesmo tempo em que desenvolve o pensamento, também aprimora a leitura de outros textos não filosóficos. Contudo, ele aponta para o desafio desse processo, visto que: “*a formação de jovens mais críticos torna-se o objetivo da disciplina. Tal crítica quando apreendida pelos estudantes em forma de problematização é causadora de incômodos aos outros professores*”².

Compreendendo a leitura como elemento fundamental para a prática pedagógica do ensino de filosofia, ainda que tenham percebido que na escola particular tem-se uma exigência maior ao hábito de ler, para os sujeitos pesquisados, o diferencial no nível/volume de leitura de texto, no entanto, não foi/é impeditivo ao exercício do ato de filosofar. Segundo um depoente: “*ensinamos o estudante a ler e a compreender o texto escrito, que por sua vez o auxilia em outras disciplinas facilitando a sua compreensão.*”.

Na concepção destes professores, o fato de a filosofia necessitar do texto escrito para melhor compreender as questões relativas ao homem/mundo facilita a metodologia de aulas dialogadas ou dialógicas. A metodologia das aulas remete ao questionamento acerca do material de apoio utilizado. Neste âmbito, os livros didáticos ora adotados, ora consultados destacados na pesquisa são: *Filosofando*³ e *Filosofia*⁴. Segundo os professores, a escolha é feita dependendo da turma, porém, as aulas têm por base estes livros por apresentarem um caráter mais didático.

De acordo os professores entrevistados há críticas a todas as obras citadas. Para os professores das escolas públicas, o livro de Maria Lúcia Graça Aranha é mais complexo para os estudantes e acaba exigindo adaptações que possam tornar a linguagem mais compreensível para os estudantes. Por outro lado, na percepção dos mesmos, o do Gilberto Cotrim é muito superficial. Em alguns casos, numa tentativa de sair desta complexidade do

² As respostas transcritas da fala dos depoentes serão grafadas, no corpo do texto deste artigo, em itálico a fim de destacar as informações obtidas e diferenciá-las de forma mais rápida e fácil das demais informações.

³ ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS Maria Helena Pires. *Temas de filosofia*. São Paulo: Moderna, 2005.

⁴ COTRIM, Gilberto. *Fundamentos da Filosofia*. São Paulo: Saraiva, 2010



livro *Filosofando* e da superficialidade do livro *Filosofia* de Cotrim, os docentes elaboram o próprio material, em forma de apostila ou textos soltos (avulsos).

Para um depoente com uma experiência de mais de vinte anos

após conhecer a turma no primeiro ano quando a filosofia é introduzida, vou aos poucos dosando com textos dos filósofos, aprendendo com os estudantes a formular de lugares diferentes, o que me faz lembrar minha formação de graduada na área: uma necessidade de filosofar com os filósofos.

As considerações dos professores sobre a utilização de livros corroboram o que ASPIS (2004, p. 12) afirmou:

[...] Não há manuais para as aulas de filosofia. Não é possível fazer um manual para algo que ainda não veio a ser. Há sim, no mercado editorial, livros para o ensino de filosofia. Mas estes não podem servir para nada além de, no máximo, trazer elementos para a criação própria e fresca de cada professor para cada aula. O que equivale dizer que o professor deve ser o criador de instrumentos e estratégias. A cada diferente grupo, a cada diferente ano ou escola, é necessário inventar os personagens coadjuvantes das nossas aulas.

Dentre os temas estudados, a questão da ética aparece sempre como uma exigência e também uma necessidade. Para um dos depoentes é importante discutir a “*ética na atualidade política devido ao momento político brasileiro*”. Para outro, “*a questão da política surge numa demanda específica do estudo de autores gregos e modernos.*”.

Estas posições no campo da ética e da política fazem parte do corpo teórico da filosofia no intuito de contribuir para a reflexão e a criticidade, entretanto, um dos depoentes critica este lugar dado às aulas/temas, pois segundo ele, o que a escola espera da ação dos professores de filosofia “*é uma formação ‘quase que de salvação dos novos valores’ que a sociedade contemporânea assumiu e não o exercício da crítica e a formação de um sujeito autônomo*”.

A pesquisa também aponta para o fato de que a interdisciplinaridade no ensino médio é desejada e sonhada. Como a prática pedagógica dos professores de filosofia é diferenciada em relação às demais áreas, o conflito, inerente ao filosofar, se evidencia, na maioria das vezes, quando ocorrem os projetos de natureza interdisciplinar. Na visão dos depoentes, os professores que mais participam destes projetos e fazem a diferença com os estudantes são



comumente os da filosofia, tendo em vista a natureza da área de saber na qual a filosofia se compromete.

Ao comentar sobre estes projetos, os sujeitos pesquisados apontam que a escola ainda não está preparada o suficiente para este tipo de metodologia interdisciplinar, dada a configuração da educação em seu caráter fragmentado/disciplinar. De acordo com os dados obtidos, a temática dos projetos está sempre relacionada em torno das questões relativas à ética, à cidadania, à política e à inclusão. O que eles afirmam é que os estudantes evidenciam o que aprendem nas aulas no que se refere ao “método” do filosofar.

Os depoentes se queixam da dificuldade dos estudantes (mesmo aqueles considerados com uma boa formação) na interpretação de textos filosóficos o que requer um modo e estratégias diferenciadas. A tarefa é sempre desafiadora, mas, para um depoente: *“a gratificação maior está quando os estudantes aprendem a colocar no mundo da vida o aprendido, dizendo que aprendeu a filosofar filosofando”*.

Neste sentido, os professores de filosofia vão construindo suas aulas com textos em contextos diferenciados e escolhem temáticas que possibilitem a melhor forma para filosofar. Enfim, ao final é possível afirmar que a pesquisa destaca o fato de que o ensino de filosofia ligado ao filosofar fomenta um ambiente propício para o pensar crítico e ao mesmo tempo auxilia na apropriação de habilidades que levam a uma melhor interpretação de textos/fatos com os quais os estudantes se defrontam no dia-a-dia.





Referências

ASPIS, Renata Lima. **O Professor de Filosofia: O ensino de Filosofia no Ensino Médio como experiência Filosófica.** Cad. Cedes, Campinas, vol. 24, n. 64, p. 305-320, set./dez. 2004. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br> Acesso em: 23 fev. 2017.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** 39. ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO MÉDIA E TECNOLÓGICA. **PCN+ Ensino Médio: orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Ciências Humanas e suas tecnologias.** Brasília: MEC; SEMTEC, 2002.

CARVALHO, Marcelo & Santos, Marli dos. O Ensino de Filosofia no Brasil: Três Gerações. IN : Gabrielle Cornelli, Marcelo Carvalho, Márcio Danelon. **Filosofia: Ensino Médio** Brasília: MEC; Secretaria da Educação Básica, 2010. Disponível em <http://docslide.com.br/education/explorando-o-ensino-de-filosofia.html> Acesso em: 15 mar. 2017.

CARRILHO, Manuel Maria. **Razão e transmissão da filosofia.** Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1987.

CERLETTI, Alejandro. **O ensino de Filosofia como problema filosófico.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

FÁVERO, Altair A. *et al.* O ensino da filosofia no Brasil: um mapa das condições atuais. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 24, n. 64, p. 257-284, set./dez. 2004. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br> Acesso em: 02 fev. 2017.

GALLO, Sílvio. **Ensino de filosofia: teoria e prática.** Ijuí: Unijui, 2004.

HEIDEGGER, Martin. **Que é uma coisa?** Trad. Carlos Morujão. Lisboa/Portugal: Edições 70, 1987.

KOAN, Walter *et al.* **Filosofia: caminhos para seu ensino.** Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

ROCHA, Ronai Pires da. **Ensino de Filosofia e currículo.** Petrópolis: Vozes, 2008.